

“MULHERES DO POTY” (GÊNERO, IDENTIDADE, MEMÓRIA: ARTE CERÂMICA E ECONOMIA DA CULTURA)

Lucas Coelho Pereira (Bolsista do PIBIC/CNPq), Maria Dione Carvalho de Moraes (Orientadora, Departamento de Ciências Sociais - UFPI)

INTRODUÇÃO

A história da arte cerâmica, não raro, confunde-se com a da própria humanidade. Orientais, ocidentais, antigos e modernos evidenciaram através dos tempos o conhecimento da fabricação de artefatos cerâmicos utilitários, decorativos, ritualísticos e etc. No Brasil, encontra-se presente do Amazonas ao Rio Grande do Sul, como uma das expressões mais ricas e transcendentais da cultura material brasileira (VALLADARES, 1989), a exemplo da arte cerâmica marajoara (PENA, 2005). Nesta, artistas dominam há séculos, a rica e complexa arte de produzir peças ricamente decoradas, retratando a complexidade da organização social e política daquele povo.

Neste estudo, o foco é a arte das ceramistas da Cooperativa de Artesãs do Bairro Poti Velho (Cooperart-Poty), na cidade de Teresina, Piauí. Como pesquisador-aprendiz, bolsista/CNPq, participei do trabalho que buscou apreender sentidos agenciados no processo de produção e execução da coleção de bonecas de argila, intitulada “Mulheres do Poti”, a qual, dentre outros prêmios, classificou-se em primeiro lugar na Mostra *Casa Piauí Design 2007*, promovida pelo SEBRAE/PI. Na tessitura teórico-metodológica e empírica, pude apreender configurações da rede sociotécnica e da economia da cultura (RORIZ, 2010) na qual artesãs estão envolvidas, e o repertório simbólico da coleção. A cerâmica “fala” sobre identidades, memória, gênero, experiências. As peças tomadas como textos culturais (MORAES, 2010), narram mitos, ritos, crenças e visões de mundo.

METODOLOGIA

Abordando o universo das mulheres da Cooperart-Poty, em especial daquelas que participaram diretamente do processo de concepção e produção da primeira coleção “Mulheres do Poti”, a pesquisa (MORAES, 2011) elege uma abordagem de cunho etnográfico, com a presença da pesquisadora-orientadora e deste iniciante em todas as etapas do fazer das artesãs: do preparo da massa (argila) à fabricação e comercialização das peças. Pesquisas documental, bibliográfica e de campo foram articuladas para responder ao problema de conhecimento da pesquisa. No âmbito do trabalho de campo, exercitei observações direta e participante (FOOTE-WHYTE, 1990), entrevistas individuais (BOURDIEU, 1997; MICHELAT, 1987) semi-estruturadas com tópicos-guia, gravadas em aparelho digital de voz, ou anotadas, respeitando a vontade do/as entrevistado/as. A par destas, conversas no cotidiano (MENEGON, 1999), anotações em diário de campo (BRANDÃO, 1998) e produção de imagens fotográficas (BITTENCOURT, 1998) também foram realizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ceramistas do Poti, desde 2006, congregam-se na Cooperativa de Artesãs do Poti Velho, sob a presidência da artesã Raimunda Teixeira da Silva, ou Raimundinha. São mulheres que, progressivamente, se apropriaram de técnicas diversas do artesanato em cerâmica, sobretudo, através de cursos promovidos pelo Programa de Apoio ao Trabalho Informal- PETI, pelo Programa de Artesanato- Prodart e pelo Serviço de Apoio à Pequena Empresa- SEBRAE.

Desde a fundação da Cooperart-Poty, as artesãs produzem anualmente, sob a batuta do Sebrae, uma coleção de peças a partir de oficinas ministradas por arquitetos/as e/ou *designers* na definição de temas e *design* das peças. Em 2007, sob orientação da arquiteta Indira Matos, foi lançada a premiada coleção “Mulheres do Poti”. De acordo com as ceramistas, as cinco bonecas representam tipos femininos característicos da região do Poti Velho, sendo retratadas como: ceramista, oleira, religiosa, das continhas, pescadora. São imagens que narram memórias, lugares sociais, experiência de gênero, economia da cultura, rede sociotécnica.

No processo de concepção da coleção, inicialmente, as bonecas não teriam a cabeça. Esta proposta gerou profunda indignação das ceramistas, que não viam sentido em produzir somente corpos. No entender das artesãs, tais artefatos não representavam mulheres, mas, “mulas-sem-cabeça”. Este episódio deu lugar a uma diversidade de discussões e controvérsias que permeiam o fazer oleiro de artesãs no Poti Velho, resultando na produção de boneca com cabeça. Assim, na compreensão da rede sociotécnica, fugindo a uma abordagem linear que põe de um lado artesãs do barro e, do outro, acadêmicos e especialistas em arte, pude perceber a articulação entre saberes técnico-científicos da arquitetura/*design* e saberes locais da arte cerâmica.

No caso em estudo, compreendi que, longe de aceitarem e reproduzirem de maneira passiva os modelos e ideias trazidos por arquitetos/as e *designers*, as ceramistas, conscientes da existência e da importância da rede sociotécnica na qual estão inseridas, participam ativamente do processo de criação. Em casa ou na cooperativa, pensam sobre aquilo que fazem, a exemplo de “Vó Preta” que, na concepção da boneca “Religiosa”, diz ter-se inspirado no rosto e hábitos religiosos de sua mãe, a fazer orações com um rosário entre os dedos.

Cada uma das peças da coleção carrega um adereço que a identifica. A Mulher das Continhas, simboliza o início de todas elas no artesanato: produção de pequenas contas em argila para a fabricação de bio-jóias. Esta, traz consigo um colar de contas. A ceramista, um vaso de barro. A pescadora, um peixe. A religiosa, um rosário. A Oleira, um tijolo. Em todas elas, algo em comum: o barro, que, desde cedo, faz-se presente na trajetória de boa parte dessas mulheres do Poti, reais e imaginárias, seja no trabalho árduo nas olarias da região ou no próprio artesanato.

As artesãs, inicialmente, só produziam na cooperativa. Hoje, trabalham também em casa, individualmente, apesar de se organizarem em grupos para o fabrico de determinada boneca. Deste modo, na Cooperart-Poty, um número específico de mulheres só pode produzir a boneca oleira, outro, a pescadora e etc. Neste fazer, no qual as mãos se configuram no principal instrumento de trabalho destas mulheres, lembramos Marcel Mauss, quando diz que o corpo se constitui como “o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem, é seu corpo.” (MAUSS, 2003, p. 407). Como prolongamento do corpo, as ceramistas se utilizam de pedaços de cano, agulhas de crochê, palitos pontiagudos feitos em madeira, esponja, espátula e faca de mesa. O bojo das bonecas é feito no torno, por homens pagos pelas artesãs. Os adereços das bonecas, o rosto, os cabelos, e a pintura são feitos pelas próprias artesãs. Depois de moldadas e postas para secar um pouco, período em que o excesso de água e ar “sai” do barro, as peças são pintadas com o “engobe”, espécie de tinta natural obtida da própria argila, para, logo após, serem queimadas no

forno a lenha da Cooperativa, em um processo que dura cerca de dois dias. Saídas do forno, as “Mulheres do Poti” estão prontas para a comercialização.

CONCLUSÃO

Além dos aprendizados teórico-metodológicos e empíricos, nesta iniciação, pude entender que a técnica espelha a complexidade da organização social na qual se insere. A cerâmica, no geral, e a coleção “Mulheres do Poti”, em especial, mostra-se como uma espécie de objeto/sujeito capaz de falar sobre identidades, memórias, gênero, mitos, ritos, rede sociotécnica e economia da cultura. Nos artefatos de barro estão presentes não somente a concepção de natureza de ceramistas, mas, também, a própria natureza na forma de pedras, seixos, restos de folhas e raízes da vegetação local, fazendo da cerâmica algo que é um híbrido de natureza/cultura. Assim, além da contribuição teórica-metodológica, inegável para mim, vejo uma contribuição prática desta pesquisa, com base em Branquinho, Maria e Santos (2007): contribuir para trazer a público as controvérsias do campo da arte cerâmica, na atualidade.

Palavras-Chave: Arte Cerâmica. Identidade de gênero. Economia da cultura

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Compreender. In: ----- (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007, pp.155-170.
- BITENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B; LEITE, M. M. Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas, Papyrus.1998, pp.197- 211.
- BRANDÃO, C. R. Cenários e momentos da vida camponesa: três dias de caderno de campo em uma pesquisa no Pretos de Baixo do Bairro dos Pretos, em Joanópolis, São Paulo. In: NIEMEYER, A. M; GODOI, E.P. (orgs.) **Além dos territórios**. Campinas: Mercado de letras, 1998, pp.133-166.
- BRAQUINHO, F.T; MARIA, G. S.; SANTOS, L. S. **Biodiversidade e diversidade cultural: empreendedorismo, ambiente e arte entre mulheres ceramistas Fluminenses**. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/resumos/36468.htm>>. Consultado em 05 de maio de 2011
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, pp. 77-86.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**, São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.
- MENEGON, V. M. Por que jogar conversa fora? In: SPINK, M. J. (Ed.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1989, pp. 215-241.
- MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevistas não-diretivas em sociologia. In: **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, São Paulo: Polis, 1987, pp. 191-211.
- MORAES, M. D. C. de. “Mulheres do Poty” (Gênero, identidade, memória: arte cerâmica e economia da cultura). **Projeto de Pesquisa**. Teresina, 2011.
- PENNA, L. **A arte emocional das ceramistas**. Junguiana, v.23 Sociedade Brasileira de Psicologia, pp 78-86, 2005.
- RORIZ, P. C. O. **O trabalho do artesanato e suas interfaces culturais e econômicas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações). Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2010.
- VALLADARES, C. P. Introdução. In: Fundação Nacional da Arte. **Artesanato brasileiro**, Rio de Janeiro: Funarte, 1979.